



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E LITERATURA

INTERNATIONAL SEMINAR ON PHILOSOPHY AND LITERATURE

PORTUGAL - GOA:

OS ORIENTES E OS OCIDENTES

THE EAST(S) AND THE WEST(S)

Coordenação de Maria Celeste Natário, Renato Epifânio e Maria Luísa Malato



Ficha técnica

Título:

Portugal – Goa: os Orientes e os Ocidentes

Portugal – Goa: The East(s) and the West(s)

Seminário Internacional de Filosofia e Literatura
International Seminar on Philosophy and Literature

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Maria Luísa Malato (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto / Instituto de
Literatura Comparada Margarida Losa)

Paulo Borges (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

Editor:

Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Filosofia

Ano de edição:

2019

ISBN 978-989-8969-35-4

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-35-4/port>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1691&sum=sim>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência FIL/00502.

O EPISÓDIO DA ILHA DOS AMORES, UMA *IMAGO MUNDI* ENTRE ORIENTE E OCIDENTE

Ana Maria de Albuquerque Binet

Université Bordeaux Montaigne
Domaine Universitaire, 19 esplanade des Antilles, 33607 Pessac, França
+33 5 57 12 44 44 | Ana-Maria.Binet@u-bordeaux-montaigne.fr

Resumo

Correspondendo a uma forma de apoteose de Vasco da Gama, que acabou de descobrir o caminho marítimo para a Índia, o bem conhecido episódio da Ilha dos Amores é absolutamente fulcral na grande epopeia que são *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, apogeu do Renascimento em Portugal. O contato dos Portugueses com essas Índias, cujos limites se mantiveram durante séculos bastante vagos, transformará a imagem mútua entre Oriente e Ocidente – imagem constituída principalmente por elementos do imaginário dos povos de um e outro lado do mundo. A Ilha dos Amores será um *locus amoenus*, fora do espaço e do tempo, onde o mundo pagão encontrará o mundo cristão, fundindo-se fisicamente, mas também onde será exposta uma imagem do mundo, cuja “máquina” vai ser revelada a Vasco da Gama por Tétis. Entre História e Utopia, paganismo e cristianismo, Oriente e Ocidente, o episódio da Ilha dos Amores revela as múltiplas influências que inspiraram o autor, nomeadamente as do neoplatonismo e o seu conceito do Amor como arquétipo.

Palavras-chave: Vasco da Gama, Índia, *Os Lusíadas*, Camões, Oriente, Ocidente, Neoplatonismo.

Abstract

Corresponding to a form of apotheosis of Vasco da Gama, who has just discovered the sea route to India, the well-known episode of the Island of Love is absolutely central in the epic *The Lusiads*, by Luís de Camões, a highlight of Portuguese Renaissance. The contact between the Portuguese sailors and the inhabitants of India, a territory which boundaries remained, for Europeans, rather uncertain, will change both Eastern and Western images of the Other – an image mainly made of imaginary elements on both sides of the world. The Island of Love will constitute a *locus amoenus*, out of space and time, where Pagan world will meet the Christian one, even physically melting, while discovering at the same time the world “machine” that will be revealed to Vasco da Gama by Tethys. Between History and Utopia, Paganism and Christianity, East and West, the episode called of the Island of Love reveals the multiple influences that inspired Camões, namely those from Neoplatonism and its concept of Love as an archetype.

Keywords : Vasco da Gama, India, *The Lusiads*, Camões, East, West, Neoplatonism.

Representando uma forma de *apoteose* (isto é, uma “deificação”) de Vasco da Gama (1469-1524), o navegador que acabou de descobrir o caminho marítimo para a Índia (1498), temos como absolutamente fulcral o bem conhecido episódio da Ilha dos Amores (Cantos IX e X), inserido na grande epopeia que são *Os Lusíadas* (1572), de Luís de Camões (1525-1580), obra que marca o apogeu do Renascimento em Portugal. O contato dos Portugueses com essas Índias, cujos limites se mantiveram durante séculos bastante vagos, vai transformar a imagem mútua entre o Oriente e o Ocidente – imagem constituída principalmente por elementos do imaginário dos povos de um e outro lado do mundo. Na economia de *Os Lusíadas*, a Ilha dos Amores representa um *locus amoenus*, fora do espaço e do tempo, onde o mundo pagão encontra o mundo cristão, unindo-se ambos, fisicamente, mas onde será também exposta uma imagem do mundo, cuja “máquina” vai ser revelada a Vasco da Gama por Tethys, esposa do Oceano.

Ponto de encontro da História e do Mito, este episódio, tal como *Os Lusíadas* no seu conjunto, constitui um depósito onde a memória coletiva portuguesa vai buscar a substância que alimentará o imaginário nacional a partir do século XVI. Vasco da Gama, herói que encarna o povo português na sua mais famosa epopeia histórica, os Descobrimentos, é elevado por Camões a uma dimensão universal, a de símbolo da união dos Homens e dos Deuses. Ficção poética e maravilhoso pagão unem-se assim n’*Os Lusíadas* para consagrar o heroísmo português, através do herói que o representa, isto à boa maneira da epopeia clássica. A nação lusa ascende ao estatuto de nação eleita dos deuses, versão pagã da eleição prometida por Cristo a D. Afonso Henriques em Ourique (1149), mãe-pátria de um futuro grande Império. É neste contexto que Vasco da Gama vai ser iniciado nos mistérios da Natureza, tornando-se assim um semideus, após ter descido, numa forma de catábase, às profundezas do desconhecido, desse Mar Tenebroso que contribuiu para revelar ao Mundo como unindo e já não separando. Protegido por Vénus, contra a vontade de Baco, que o considera como um rival que poria em causa a sua influência sobre as Índias, Vasco da Gama vai recuperar de certa forma a condição divina inicial dos Homens. Camões, na linha de Evémero (séc. I II a. J-C¹), especifica bem que os deuses “todos foram de fraca carne humana” (IX, 91).²

¹ Evémero viveu na época helenística, e foi um grande viajante, chegando até ao Oceano Índico. Na sua *História Sagrada*, de que só chegaram até nós fragmentos, descreveu a ilha Panceia, onde

Apresenta-se, pois, como sendo algo de natural que Vasco da Gama, no caminho de retorno das Índias, se una a Tethys³ nesta Ilha dos Amores, que é na realidade uma alegoria da glória :

“Que as Ninfas do Oceano, tão formosas,
Tethys e a Ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelas preminencias gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroadada
De palma e louro, a glória e maravilha:
Estes são os deleites desta Ilha.”⁴

O grande navegador acede assim à imortalidade nessa Ilha Afortunada onde o amor impera, o desejo sexual se liberta, abrindo a via ao conhecimento supremo, a visão da “máquina do mundo”.

A presença de todo este maravilhoso pagão no poema estudado deve certamente ter chamado a atenção dos censores da Inquisição – mas, felizmente para a posteridade, o dominicano Bartolomeu Ferreira considerou que se tratava de um ornamento poético que não punha em perigo “a nossa santa fé”⁵. O maravilhoso cristão e o pagão coabitam assim ao longo do poema, a ponto de haver interferências assaz curiosas entre eles, como a apresentação (II, 11) de um quadro tendo por tema Pentecostes por um Baco que tenta, através desta armadilha, destruir os Portugueses; ou a invocação da Providência por Vasco da Gama, que recebe uma resposta, não desta última, mas de Vénus! – sem falar já da estranheza que causa ao leitor a narrativa do milagre de S. Tomé por Tethys (X, 110-116)... Tudo isto como se o Deus único cristão e os deuses pagãos fossem uma e a mesma entidade – com a preeminência, apesar de tudo, da fé cristã, base do Império português, nunca posta em causa, claro está, por Camões⁶. No entanto, subentende-se que Vasco da Gama, enquanto herói, se pode libertar da sua condição humana,

imaginou uma sociedade “utópica”. No “evemerismo”, os deuses pagãos são personagens históricas deificadas.

² Luís de CAMÕES, *Os Lusíadas*, Porto, Porto Editora, [s.d.], p. 297.

³ Tethys mora no Ocidente, o que significa aqui que Vasco da Gama está já a caminho do Ocidente, tendo deixado para trás o Oriente.

⁴ *Ibidem*. Canto IX, estofe 89.

⁵ Texto presente na edição de 1572 e citado por Georges Le Gentil in *Camões: L'oeuvre épique et lyrique*, Paris, Chandeigne, 1995, p. 47, 48.

⁶ *Ibid.*, p. 49.

sem para isso ter de esperar a morte. No poema, Vasco da Gama é uma personagem ao mesmo tempo real e simbólica, ele é imortalizado graças aos seus feitos, de que o poeta cala, ou ignora, as facetas menos gloriosas, como a sua extrema dureza, atestada historicamente, para guardar apenas a imagem do representante do povo português, povo de grandes descobridores, de que Vasco da Gama é aqui uma metonímia. Não esqueçamos também que, no período do Renascimento, o culto do herói se encontrava muito presente na cultura portuguesa, certamente ligado à dinâmica que presidiu à empresa dos Descobrimentos.

É nesta personagem heroica, que acaba de descobrir o caminho marítimo para a Índia, que Camões coloca o centro do seu poema, sendo ele que permite estabelecer um elo entre o Ocidente e o Oriente. O século XVI é o do decisivo encontro dos Ocidentais com as civilizações orientais, depois da fase, no fim do século XV, dos mal-entendidos e da incompreensão face a um mundo para o qual nem sempre os ocidentais possuem instrumentos de leitura (o exemplo ao qual se alude constantemente é, claro está, o da crença inicial dos navegadores portugueses face às práticas hinduístas, que pensam ser variantes dos rituais cristãos). O Oriente representa então uma alteridade absoluta, radical, que é preciso tentar decifrar a partir das referências disponíveis, um espaço não definido, variado, múltiplo, uma forma de construção cultural – um repositório de lendas e mitos que alimentou, durante séculos, o imaginário ocidental.⁷

As Índias concentravam os sonhos de exotismo, de riqueza, de mistério dos Portugueses. Para eles, e não só, elas representavam o “Oriente” na sua globalidade. Daí o conflito entre a realidade que eles descobriam pouco a pouco e a leitura que dela continuavam a querer fazer através das imagens que eram parte do fundo cultural ocidental, pelo qual se regravam e liam o mundo. Estando o “Oriente” ligado às origens da civilização ocidental, esta última desenvolvera a partir dele uma forma de mito do paraíso perdido, já referido na Génesis, que, confrontado com a realidade e a sua inevitável imperfeição, não pôde deixar de criar sentimentos de decepção e necessitar reajustamentos que os Portugueses, com a sua adaptabilidade proverbial, tentaram realizar. Temos igualmente de

⁷ Não esqueçamos o surto de interesse pelo Oriente no século XIX, essa corrente orientalista analisada por Edward Saïd (1935-2003) na obra que o tornou célebre, *Orientalism* (1978), traduzida em 36 línguas, um dos textos fundadores da corrente pós-colonialista, e, como tal, por vezes criticado como forma de parcialidade.

considerar a crença no reino cristão do Preste João das Índias, assim apelidado nos textos portugueses da época, crença que justifica, do século XII ao século XVI, uma expectativa numa cristianização *de facto* da Índia⁸. *O Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia*, possivelmente escrito por Álvaro Velho, é um formidável repositório dos índices de um desconhecimento mútuo, que produz situações por vezes altamente cómicas, mas podendo tornar-se perigosas, nas quais as dificuldades linguísticas têm um papel relevante. No entanto, com a chegada à Índia dos Portugueses, a realidade do Oriente vai pouco a pouco impor-se, através, não da literatura livresca, mas dos textos escritos por viajantes, que continuarão, durante largos anos, a testemunhar dessa dificuldade de compreensão de um lado e doutro, com os consequentes conflitos.

A viagem de retorno a Portugal, que é o assunto central do episódio da Ilha dos Amores, é historicamente marcada por sérias dificuldades, que se explicam essencialmente pela vontade dos potentados locais de eliminar os Portugueses, de quem desconfiam. O escorbuto vai constituir igualmente um problema grave, causando numerosos mortos entre a tripulação⁹. Aquando da chegada a Lisboa, as informações de Vasco da Gama e das suas tripulações apontam já para uma importante população cristã na Índia, mal-entendido que faz nascer a esperança de alianças políticas entre esses soberanos, descritos como ricos e poderosos, e D. Manuel de Portugal, com o objetivo de juntos lutarem contra os muçulmanos. No fundo, como sublinha o especialista da História dos Portugueses na Ásia, Sanjay Subrahmanyam, todos os reinos que não eram identificados como muçulmanos eram considerados cristãos!¹⁰ E “D. Manuel acreditava que a visão joaquimita de um Quinto Império seria realizada e declarar-se-ia imperador do Oriente, exigindo o legado de Constantino pela posse de Jerusalém”.¹¹

Todo este ambiente de orgulho nacional e messianismo, que coloca Portugal na posição de país eleito, como já referimos, escolhido por Deus para difundir a fé cristã e preparar a conversão do mundo à fé católica, na esperança do Segundo

⁸ Citemos a famosa afirmação dos primeiros Portugueses que chegaram à Índia, quando foram interrogados sobre o que vinham buscar: “Vimos buscar cristãos e especiarias” (*in Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia 1497-1499*, Lisboa, Edições Europa-América, [s.d.], p. 75).

⁹ V. sobre a questão o livro de Sanjay SUBRAHMANYAM, *Vasco de Gama*, Paris, Alma editora, 2012 [1ª edição: *Vasco de Gama*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997], máx. capítulo 3.

¹⁰ *Ibid.*, p. 197.

¹¹ Sanjay SUBRAHMANYAM, *Impérios em Concorrência : histórias conectadas nos séculos XVI e XVII*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2012, p. 145.

Advento de Cristo na Terra, será confortado por outra grande descoberta, a do Brasil, em 1500.

Embora a situação se tenha consideravelmente degradado nas décadas seguintes, Camões parece ter integrado este ambiente propício à epopeia, que ele aspira talvez transmitir a um povo que necessita de figuras heroicas, como exemplo e incentivo. Vasco da Gama será esse herói paradigmático, que conta, como dissemos *supra*, com o apoio dos deuses, e sobretudo das deusas, pagãos. É Vénus quem decide o território onde a apoteose do grande navegador se vai processar, essa ilha paradisíaca, “ínsula divina”, que faz lembrar a imagem geralmente ligada ao Oriente. Tethys será agente desse percurso iniciático, no qual a sensualidade constituirá a via que permite aceder ao verdadeiro conhecimento. Do mar desconhecido ao mistério do universo, Gama, e através dele os Portugueses, ascende ao estatuto de iniciado: o Amor libertaria as cadeias do corpo e do espírito. Os navegantes, tal como o seu capitão, vão-se unir, numas núpcias místicas, com as ninfas – a condição humana será resgatada através desse ritual, neste *locus amoenus*, espaço mítico, sagrado, que culmina na “divina” montanha, *Axis Mundi* onde o herói será transfigurado face à “máquina do mundo”, que Tethys lhe revela. No cimo da montanha, deparam com “uma rica fábrica”, “de cristal toda e de ouro puro e fino” (IX, 87) ¹². A visão do universo que lhes é permitido gozar é uma verdadeira Epifania; contrariamente à Queda adâmica, o conhecimento é fruto da união da carne e do espírito, ultrapassando o pecado original. Verdade é que estamos aqui num contexto dito “pagão”, sem a ideia de culpabilidade introduzida pela Igreja no que às coisas materiais diz respeito.

As Índias espirituais são a outra faceta da descoberta do caminho marítimo para a Índia, o apogeu da aventura marítima portuguesa, antes desta se transformar em Império colonial. Tethys revela esta história do futuro de Portugal, que será, entretanto, marcada pela violência e pela competição político-económica. E sabemos que Camões sofre frente à sua desilusão com essa pátria “que está metida / No gosto da cobiça e da rudeza / Duma austera, apagada e vil tristeza” (X, 145)¹³. Utopia e História coabitam no âmbito de uma idealidade que tem como centro o ponto de encontro entre Oriente e Ocidente, paganismo e cristianismo.

¹² Luís de CAMÕES, *op. cit.*, p. 384.

¹³ *Ibid.*, p. 448.

Partindo, pois, de um *topos* presente nas literaturas medieval e renascentista, o da chegada a uma ilha que é um Paraíso de Amor, Camões confere-lhe um sentido outro, o de um amor-arquétipo, perfeito, iniciático, que permite esse encontro: “Os Deuses faz descer ao vil terreno / E os humanos subir ao Céu sereno”(IX, 20)¹⁴, sob a égide de um elemento feminino, Vénus, ou Tethys que aqui a representa, “para lhe descobrir da unida esfera / Da terra imensa e mar não navegado / Os segredos, por alta profecia” (IX, 86).¹⁵

Estes segredos são, bem entendido, os do “sistema geocêntrico”, de Ptolomeu (90-168)¹⁶, de que Vasco da Gama terá uma visão global após ter percorrido, guiado por Tethys, um caminho difícil através de “um mato / Árduo, difícil, duro a humano trato”(X, 76)¹⁷. “Não andam muito que no erguido cume / Se acharam, onde um campo se esmaltava / De esmeraldas, rubis, tais que presume / A vista que divino chão pisava. / Aqui um globo vêm no ar, que o lume/ Claríssimo por ele penetrava, De modo que o seu centro está evidente, / Como a sua superfície [*sic*], claramente” (X, 77)¹⁸. Esse globo é composto por várias orbes¹⁹, a perfeição do conjunto deixando o Gama cheio de “admiração e desejo” (X, 79) – admiração face ao Universo e ao seu Criador, que o poeta designa por “Arquétipo”, desejo do conhecimento que eleva o Homem acima da sua condição. Para além desta perfeição, permanece o mistério essencial, o do Criador, a que nem Tethys tem acesso: “Vês aqui a grande máquina do Mundo, / Etérea e elemental, que fabricada / Assi foi do Saber, alto e profundo, / Que é sem princípio e meta ilimitada. / Quem cerca em derredor este rotundo / Globo e sua superfície tão limada, É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,/ Que a tanto o engenho humano não se estende” (X, 80)²⁰. A submissão dos deuses a uma entidade que lhes é superior é sublinhada

¹⁴ *Ibid.*, p. 358.

¹⁵ *Ibid.*, p. 384.

¹⁶ Ptolomeu, que viveu no Egípto, foi astrónomo, geógrafo, astrólogo. Foi autor de obras fundamentais como a *Geografia* e o *Almageste*, livro de astronomia que servia de base a numerosos cálculos sobre a posição dos astros, muito úteis para a navegação. Segundo ele, os astros nadavam num fluido, e a terra encontrava-se no centro do universo. O seu sistema só foi progressivamente abandonado, para ser substituído pelo heliocentrismo, com Copérnico (Séc. XVI) Kepler e Galileu, no século XVII, apesar da oposição da Igreja, que só aceitou a “marginalização” da Terra em 1750, com o Papa Bento XIV. A *Geografia* de Ptolomeu foi uma das fontes da obra *Imago Mundi*, de Pierre d’Ailly, que inspirará Cristóvão Colombo.

¹⁷ *Ibid.*, p. 420.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ Camões teria obtido as informações sobre este sistema no *Tratado da Esfera* (1537), do matemático Pedro Nunes (*Ibid.*, p. 552).

²⁰ *Ibid.*, p. 422.

nas estrofes seguintes, onde se diz que o Empireu abraça as almas puras, as dos verdadeiros imortais: “Aqui, só verdadeiros, gloriosos / Divos estão, porque eu, Saturno e Jano, / Júpiter, Juno, fomos fabulosos, / Fingidos de mortal e cego engano. / Só para fazer versos deleitosos / Servimos.” (X, 82)²¹. Estes versos constituem provavelmente uma prudente clarificação, da parte do poeta, do sentido da presença e do peso da mitologia pagã n’*Os Lusíadas*, com o objetivo de atrair a benevolência dos censores do Santo Ofício. Na economia do poema, integram-se logicamente nas consequências da iniciação do Gama, que lhe permite ver a verdade atrás da ilusão, uma vez liberto das trevas próprias à condição humana numa forma de epifania.

Entre a visão fragmentária da realidade, que é a do comum dos mortais, e a visão da perfeição una, global, o herói camoniano beneficiou de uma apoteose no ponto mais elevado da Ilha, lugar simbólico fora do tempo e do espaço, verdadeira metáfora de um desejo de perfeição original, lugar onde a História pode encontrar o Mito, encontro que se situa no centro mesmo de *Os Lusíadas* – ascensão para atingir a Unidade, manifestação última do Arquétipo, que revela a influência dos neoplatônicos sobre o renascentista Camões. Quanto ao papel do Amor nesta ascensão, podemos imaginar que ele leu um deles, Leão Hebreu (1465-1535), de seu verdadeiro nome Judá Abravanel, filósofo e médico português, que tentou uma aproximação entre a Bíblia e a filosofia grega. Nos seus *Diálogos de Amor* (1502), Fílon, o amor, fala com Sophia, a sabedoria, para provar que o amor fundamenta ontologicamente o real. Segundo a doutrina neoplatónica, a hierarquia dos seres vai do puro espírito até à matéria, o que Leão Hebreu retoma, integrando-a na ideia de um princípio universal de amor, onde cada estágio da matéria se pode unir com outro, que este seja ascendente ou descendente, o que cria uma forma de harmonia universal.

Graças ao Amor (Eros), que permite o acesso a uma gnose, ascensão, a anábase do herói, Vasco da Gama, e do povo português, herói coletivo que “deu mundos ao mundo”, ligando o Ocidente ao Oriente, culminará assim numa *epifania*, uma visão do universo, cuja perfeição esférica, inspirada na cosmologia de Ptolomeu, lembra o mundo das ideias de Platão. A vitória do Conhecimento sobre as trevas da ignorância abre a via a uma nova era e marca, no poema épico de Camões, um

²¹ *Ibidem*.

momento eufórico, relativamente a muitos outros que podemos qualificar de “disfóricos”, testemunhos de um “desconcerto do mundo”, de que o poeta se considera vítima, através da indiferença e da ingratidão dos poderosos. Contudo, pode ele afirmar, a propósito da sua obra: “Nem me falta na vida honesto estudo, / Com longa experiência misturado, / Nem engenho, que aqui vereis presente, / Cousas que juntas se acham raramente” (X, 154).²²

Não podemos senão concordar com este autodiagnóstico de um grande poeta universal, que utilizou concomitantemente a pena e a espada e que tanto fez pela fama dos descobrimentos portugueses. E que, como outro grande poeta de valor universal, Fernando Pessoa, que se dizia, quase quatro séculos mais tarde, um “super-Camões”, morreu pobre e ignorado por grande parte dos Portugueses, só tendo sido “descobertas” as suas obras após a sua morte: as Índias do nosso imaginário estão por vezes ao nosso alcance, mas infelizmente rodeadas pelo nevoeiro da nossa ignorância, incompreensão e indiferença.

²² *Ibid*, p. 450.

